

# editorial



© JOÃO RIBEIRO

FIÉIS AO NOSSO DESÍGNIO DE DAR EXPRESSÃO à voz da Língua Portuguesa e das Culturas Lusófonas no Mundo, de ser um espelho de uma sensibilidade comum e recíproca, a afirmação internacional da Língua Portuguesa e das Culturas Lusófonas continua a constituir a prioridade do Instituto Camões.

Este número onze da *Camões - Revista de Letras e Culturas Lusófonas* é dedicada, pela terceira vez, ao conjunto de iniciativas que uma vez por ano este Instituto promove, sob uma perspectiva englobante, reunindo diversos eventos, num determinado local e data, a que foi dado o nome genérico de «Pontes Lusófonas».

Há sensivelmente dois anos teve início em Lisboa a primeira edição das «Pontes», materializando uma forma comum de estar e comunicar que inegavelmente reúne os sete países que partilham a mesma língua oficial.

O projecto que nascia simultaneamente como uma festa da (e um apelo à) lusofonia constituiu uma iniciativa inovadora no sentido de uma partilha criativa e de um reconhecimento recíproco cujos ecos deram provas de ter sensibilizado positivamente cada um dos países que o integraram. No ano passado, os eventos ligados ao projecto «Pontes Lusófonas» continuaram na conquista

de «*um espaço de convivialidade [...] através de itinerários [...] percorridos por grupos de intelectuais e homens de cultura [...] construindo indissolúveis laços afectivos, [...] pertença colectiva de todos os intervenientes do diálogo a estabelecer*». Essas «Pontes Lusófonas II» tiveram lugar em Moçambique, na cidade de Maputo.

Este ano foi em Brasília que o projecto teve lugar. Desta vez, deixando os caminhos da música, da literatura, das artes de palco, o Instituto Camões tomou a iniciativa de enveredar por uma arte – na acepção primordial do termo – da qual a cultura lusófona foi deixando rastro ao longo da História e ainda hoje projecta no espírito dos tempos: a Arquitectura.

Nesta *Camões - Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, está patente uma coexistência cultural inteiramente assumida nas arquitecturas e nas migrações que deixaram marcas indeléveis. O respeito mútuo e a compreensão alargada às vidas e aos locais que se tornaram modos de estar e sítios de vida, edifícios, monumentos e paisagens moldadas por homens de cultura e tradição, e que preservaram o essencial, acrescentando a diversidade identitária a esta cultura lusófona múltipla e singular.

*Jorge Couto*